

Desafios do Passado

Durante muito tempo os brasileiros conviveram com o fantasma de um período conhecido como "década perdida". Não fica assim tão longe essa página triste da história, ainda quando possa ter se evaporado na memória dos que preferem pensar no futuro sem remexer no passado.

Na verdade, todas as sociedades bem-sucedidas reconstruíram seus sistemas políticos e econômicos com uma clara consciência dos erros cometidos. O Brasil não deveria fugir à regra.

Para não ir muito longe, a década de 80 fala claro: enquanto a população saía de 134 milhões em 1986 para 153 milhões em 1994, o Produto Interno Bruto a preços constantes (descontando a inflação) praticamente não cresceu. Entramos nos anos 90 com uma queda de 5,9% no PIB e uma das piores distribuições de renda do mundo.

Na virada deste século e na hora em que se comemora um período de relativa estabilidade, o que terá ficado como lição da "década perdida"? A tortuosa evolução política e econômica ao longo desse período teve como pano de fundo uma inflação desvairada misturada com as imagens de um país imprevisível. Eis aí as marcas registradas do passado recente. Ninguém deveria esquecer.

Com todos os descontos que se possam dar ao Plano Real – reformas não concluídas, níveis indesejáveis de desemprego – o fato é que o país tornou-se, ao longo dos últimos quatro anos, mais previsível e economicamente mais viável. É isso que se reflete claramente no aumento dos investimentos produtivos, estimados pelo IPEA em 18,3% do PIB, a taxa mais alta na década. Ou no retorno do capital estrangeiro para investimento direto que, saindo de 5 bilhões de dólares em 1995, triplicou em 1997.

Não se investe a longo prazo no meio do caos nem diante da imprevisibilidade. Resgatar a capacidade do país para investir será, com certeza, o traço dominante deste fim de século – sobre ele irão debruçar-se os historiadores do futuro, da mesma forma como a investigação da história dos anos 80 esbarra nos fantasmas da recessão e

da hiperinflação.

Foi um longo caminho. Só a consciência do passado pode dramatizar quanto importante é consolidar as fundações lançadas para que o país possa ir adiante. E ninguém, senão os próprios brasileiros, irá desenvolver a consciência interna, quase comunitária, que permitirá visitar os fantasmas do passado para saber como evitar ressuscitá-los.

O Brasil é uma nação enorme, porém ainda cheia de limitações e contrastes. Carece de uma clara consciência do passado. Este país vive hoje um problema de renda e também de cultura. É preciso aprofundar a cultura para que não se repitam os erros.

Numa pesquisa recente feita em São Paulo sobre consumo e crédito, cerca de 48% dos que responderam sobre suas intenções de compra queriam roupas, sapatos, móveis e material de construção. Coisas mais do que simples e humildes. Metade via poucas oportunidades de novo emprego para o chefe de família, e 84% já estavam pagando um financiamento qualquer.

Não se elevará esse enorme mercado interno brasileiro a melhores níveis de consumo e de bem-estar com medidas pirotécnicas, como bem disse o presidente Fernando Henrique Cardoso. A saída é o investimento, a formação de poupança interna, a absorção de poupança externa para construir uma nova infra-estrutura e também a consciência de quanto vale a estabilidade.

Para lembrar Paul Krugman, o mundo é interdependente, mas não tão interdependente assim. O aporte maciço de investimentos externos de longo prazo nos últimos anos mostra que o capital estrangeiro já descobriu o Brasil da virada do século.

O investimento – qualquer que seja sua origem – requer tempo e previsibilidade para dar resultados, e essas duas variáveis que se espalham no longo prazo não serão criadas pelo resto do mundo. Elas dependem apenas do nível cultural e da maturidade política do povo brasileiro.